

DOSSIÊ FUTEBOL NO URUGUAI. MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA.

Tiago Sales de Lima Figueiredo

Universidade Federal Fluminense/Brasil

slf.tiago@gmail.com

Victor Ferreira Martins

Universidade Federal Fluminense/Brasil

O objetivo deste dossiê visa apresentar as discussões acadêmicas contemporâneas sobre o futebol e sociedade no Uruguai. Como já é sabido por todos que são familiarizados nos estudos sobre os esportes, o futebol ultrapassou a barreira que o limitava ser entendido apenas como um fato esportivo. Como bem demonstra Gastaldo(2014), por exemplo, a Copa do Mundo para os brasileiros, assume a condição de fato social total mobilizando a população de tal forma que nenhum outro ritual nacional é capaz. No caso uruguaio, ousamos dizer que dito esporte também ultrapassa a fronteira da prática corporal e define aspectos marcantes da constituição e coesão social dos sujeitos daquela região do globo. Como demonstrarão os textos coligidos nesta edição da revista, as competições futebolísticas tiveram seu peso na construção da identidade e das representações de momentos históricos para os uruguaios.

Tal proposta, por sua vez, se concebeu a partir de algumas questões lançadas por Pablo Alabarces (2004) e Simoni Guedes (2011) em dois artigos distintos acerca da produção das Ciências Sociais sobre esporte na América Latina. Nesses escritos, com sete anos de distância entre suas publicações, vemos Alabarces delineando um campo que recém estava se consolidando academicamente. Porém Guedes, atualizando a investida do sociólogo argentino, demonstra um cenário mais consolidado dos estudos sobre esporte nas áreas de história, antropologia, sociologia e comunicação. A antropóloga brasileira, retomando DaMatta (1982) e Bourdieu (1982) nos aponta a necessidade de se resenhar “o campo das práticas esportivas na América Latina”. Inspirando-se nesses autores que, junto a Eduardo Archetti, são nossas principais referências sobre o assunto na região, o nosso objetivo é ampliar comparativamente as discussões acadêmicas desse esporte de tamanha importância para as identidades nacionais argentinas, brasileiras e uruguaias, de modo a criar

potencialidades para se entender essa região do mundo, além de mapear os estudos que são feitos, seus focos e tipos de abordagem.

Considerando a teoria Bourdiana de campo esportivo, o dossiê abre com o texto do sociólogo uruguaio Juan Carlos Cristiano o qual faz um apanhado histórico da bibliografia básica que os estudos sobre cultura e esporte seguiram no Uruguai. Nota-se que a base da teoria sociológica sobre esporte brasileira: Nobert Elias, Eric Dunning e Bourdieu também faz parte da bibliografia básica naquele país, porém com adendo do Jean-Marie Brohm, sociólogo francês, de vertente marxista é pouco explorado nos trabalhos brasileiros.

Cristiano constrói hipóteses para apontar os motivos de o futebol ter despontado como preferência nacional uruguaia a partir de uma noção de facilidade e baixo custo que chutar uma bola representariam. O autor destaca tal trivialidade como fundamental para a criação de um mercado de futebolistas, uma vez que, somado ao Peso Uruguaio desvalorizado frente ao Dólar e o aumento de jogadores uruguaio de destaque fizeram com que a exportação de jogadores se tornasse um mercado lucrativo por conta da balança comercial. Por outro lado, tal fenômeno acabou por endividar os clubes uruguaio uma vez que os jogadores passaram a exigir salários competitivos com o mercado internacional. Uma das soluções financeiras para os clubes foi investir em atletas jovens para vender seus passes a clubes estrangeiros.

No geral, Cristiano nos apresenta um panorama amplo acerca do passado, presente e futuro em relação ao esporte e no que diz respeito ao campo da Sociologia dos Esportes no Uruguai. Além disso, o texto aponta um crescente interesse por estudar esporte no Uruguai, com adensamento das temáticas relativas ao desporto para além do estudo de torcidas e violência.

É inegável a importância e a curiosidade que o futebol uruguaio desperta no mundo. Aquele pequeno Estado na bacia do Rio da Prata foi a primeira potência do futebol sul-americano. Ganhou os principais torneios do início do século passado: as olimpíadas de 1924 e 1928; a primeira copa do mundo em 1930, realizada em Montevideu e a emblemática copa de 1950. Fantasma que assombra os brasileiros — que talvez somente tenha se afastado após a derrota de 7x1 para Alemanha na copa de 2014— A primeira metade do século XX foi fundamental para a construção do pertencimento futebolístico uruguaio, culminando no *maracanazo* como rememoram Adriana Marrero e Ricardo Piñeyrua:

Es imposible sobrestimar el impacto que el “Maracanazo” ha tenido en el proceso de construcción de la identidad uruguaya. Para algunos fue sólo el justo resultado de un partido bien jugado; para otros la expresión futbolística de una economía en expansión para los menos, una bendición, para muchos, una maldición bajo cuyo influjo vive desde entonces el país; Lo cierto es que para el Uruguay de 1950 todo parecía posible. Y todas las metáforas se quedaban cortas para un país que parecía estar destinado a contrariar con sus logros la estrechez de sus fronteras. En

consonancia con el acontecimiento futbolístico que había vivido el país solo veinte años antes, el hito de Maracanã parecía confirmar uno de los mitos fundacionales más poderosos sobre los que se construyó la nación oriental: la incommensurabilidad entre los medios y los logros; la desproporción entre la pequeñez del origen y la grandeza del destino. Porque más que lo que ocurrió de hecho en el estadio brasileño aquel día de 1950 en el que la superioridad futbolística del equipo uruguayo plasmó con un gol más que el que marcó su contendiente, fue la interpretación “heroica” y si se quiere “mágica” de esta lucha simbólica que fue designada como “gesta” la que convierte a Maracanã en el hito que es hoy” (MARRERO; PIÑEYRÚA, 2009, 134)

Trinta anos após essa vitória histórica, cujo gol da vitória está eternizado no Museu do Futebol, no Estádio Centenário, em Montevideu o governo do período ditatorial uruguaio realizou o torneio extraoficial chamado *mundialito*. E exatamente neste momento da história do Uruguai que os trabalhos de Bruno Mora e Livia Magalhães, em diferentes perspectivas, buscam se debruçar. O trabalho de Mora se insere num contexto de reconstrução da memória do esporte na América Latina e se debruça principalmente sobre o contexto político-institucional da Banda Oriental¹. Para tal, Mora constrói seu argumento a partir da análise do documentário “*Mundialito*”, produzido por Sebastian Bednarik e Andrés Varela em 2010, como fio condutor para a reconstrução desta memória, além de artigos de meios de comunicação como *El País*.

Mora trabalha a questão histórica da Ditadura Civil-Militar Uruguaia, parte de um processo ocorrido em diversos países do Cone Sul, permeado por golpes militares e derrubada de governos democraticamente eleitos na região. O *Mundialito* de 1980 se dá, portanto, num contexto de abertura do governo ditatorial uruguaio, onde houvera um plebiscito próximo a este, onde o governo militar saiu derrotado em sua tentativa de aumentar seu poder sobre a população.

O *Mundialito*, no entanto, é organizado junto a FIFA com o governo militar tentando utilizar-se dele como propaganda para os feitos deste. A FIFA, como parte que dava legitimidade à competição, uma vez que ela detém o poder de reconhecimento de títulos e chancela de sua validade competitiva, tal qual descrito em Damo (2005) em seu conceito de matriz espetacularizada, afirmava por sua vez que não havia problemas em sediar a competição em um país sob ditadura, já que o esporte não se relacionaria com a política local. Esta postura tomada pela FIFA legitimara a ditadura uruguaia como governo de facto e reconhecido.

Dito isso, Mora se aprofunda no contexto do porquê ocorreu o *Mundialito* de 1980. O discurso oficial era de que a FIFA organizara o campeonato de maneira a comemorar os 50 anos da primeira Copa do Mundo de Futebol, disputada no próprio Uruguai e vencida pelos donos da casa, além de comemorar os 30 anos do *Maracanazo*, onde o Uruguai vencera o Brasil no Maracanã de virada, e os

1 Banda Oriental de Uruguay.

150 anos da 1ª Constituição Uruguiaia. O governo militar uruguaio, no entanto, se utiliza da máquina de propaganda para tentar cooptá-la e criar um discurso favorável a esta, uma vez que ele perdia força e apoio popular. O *Mundialito*, portanto, seria uma demonstração de seu slogan oficial: “Progreso, Paz y Futuro”.

O trabalho de Livia Magalhães dialoga com o artigo de Mora visando estudar o *Mundialito* de 1980 no Uruguai. Seu argumento gira em torno da ideia que o *Mundialito* fora organizado como tentativa da ditadura uruguiaia de ganhar legitimidade. O futebol seria parte importante deste processo, uma vez que esse é parte importante da cultura popular uruguiaia.

Este capital futebolístico da Celeste teria sido utilizada pela ditadura para tentar conter os ânimos populares por mais democracia além de demonstrar seu poder e capacidade em organizar eventos esportivos internacionais. Para tal, assim como Mora, Magalhães revisita o processo histórico da organização do *Mundialito* além de seus entremeios institucionais. Trazendo maiores informações que complementam o trabalho de Mora, a autora apresenta o processo de planejamento do *Mundialito*, que começara em 1977 após tratativas da AUF, *Asociacion Uruguaya de Fútbol*, responsável pelo futebol uruguaio e a ditadura uruguiaia. O interesse principal vinha da Ditadura, que buscava unir o povo uruguaio em torno da identidade nacional pela Celeste Olímpica, fazendo com que os problemas políticos fossem relegados a um segundo plano. Desta maneira, o regime militar teria tempo para criar legitimidade através das vitórias da seleção uruguiaia, além de sua capacidade de promover um evento esportivo internacional. Porém, tal como citado por Mora, o processo de legitimação do poder da ditadura Uruguiaia fora mal sucedido, uma vez que esta saiu derrotada em Plebiscito que pleiteava aumentar os poderes do Governo.

Magalhães, no entanto, chega a uma questão distinta de Mora: em vez de se preocupar em construir uma terceira via de reconstrução histórica, despojada do discurso oficial e do discurso de uma “resistência” à ditadura, a historiadora brasileira propõe pensar e investigar o motivo da memória do *Mundialito* ter sido relegada a segundo plano durante tanto tempo, sendo resgatada apenas 30 anos depois, com o sucesso do documentário de Bednarik e Varela. O silêncio por uma vitória soa estranho, uma vez que esta, em geral, é um capital futebolístico dentro do campo esportivo, ajudando inclusive a consolidar a construção da memória do futebol local, o que não acontece com a disputa de 1980.

Posterior a esta discussão acerca de uma memória de campeonatos passados, também há preocupação com as futuras competições a serem organizadas no Uruguai. No trabalho de Federico Wainstein, “Mundial 2030 y sus riesgos” o autor mostra suas inquietudes sobre a organização da Copa do Mundo de 2030, planejada para ocorrer a Argentina e Uruguai. Sua crítica, no entanto, parte mais de uma questão de ordem econômica e social, em especial num contexto de sociedade capitalista.

Partindo de uma crítica marxista e a inserção da Copa de 2030 no capitalismo moderno nosso autor faz um breve apanhado sobre este novo modelo na lógica capitalista. Focando-se, em especial, na Lei Bosman, onde um jogador pode assinar um contrato com outra equipe ao fim de seu contrato, funcionando como um arranjo econômico dentro do esporte ao invés do pertencimento do jogador e seu passe ao clube. Esse desenvolvimento econômico fez com que houvesse uma mundialização do sistema esportivo, o que leva a uma maior circulação de jogadores pelos diversos mercados existentes, garantindo livre circulação de jogadores. Estes, portanto, deixariam de ser indivíduos para serem mercadorias dentro de um grande mercado global.

Posteriormente, Wainstein se debruça sobre a questão de como a FIFA, que detém a primazia de cancelar o que é regra e o que não é, através da International Board. FIFA, portanto seria uma instituição supraestatal, que organiza este grande mercado global, ditando suas regras de ação, assim participando deste processo do Capitalismo Moderno que visa transformar aquilo que é público em privado: o futebol, que fora de seus torcedores e público, se torna uma mercadoria com circulação mundial.

Esse processo de privatização do futebol se mostra importante para Wainstein, em especial quando ele define que, ainda que exista uma circulação de jogadores, a FIFA reforça a nacionalização da Identidade dentro dos países, de maneira a formatar os times com base em seus parâmetros culturais. Estes parâmetros fazem com que possa se atrair o maior número de torcedores e espectadores possíveis a prestigiar os seus eventos, ao mesmo tempo em que fomenta rivalidades estéticas e nacionais no enfrentamento entre diversas seleções, como, por exemplo, a rivalidade Brasil x Uruguai. Se no futebol de clubes ocorre um processo de mundialização e circulação de jogadores de diversas nacionalidades, no futebol de seleções existiria um processo de cristalização de identidades nacionais.

Uma vez que até a formação de identidades nacionais estaria subjugada pelo interesse comercial e sobre o uso do capital. Este seria um processo que as classes populares seriam alijadas do seu entretenimento, que fora transformado em mercadoria. Tal qual ocorre paralelamente no âmbito político – o neoliberalismo –, no futebol as instituições públicas (torcedores, fãs, sócios) perdem voz e os balanços econômicos/lucratividade se tornam mais e mais importantes (em comparação, no neoliberalismo o Estado-Nação, esfera pública per se, perde cada vez mais poder frente a um grande mercado globalizado). Esta privatização cada vez maior dos espaços públicos acabaria, por sua vez, gerando uma forma de fascismo societal, onde pessoas de menor poder aquisitivo seriam excluídos de sua participação.

Por fim, o Wainstein deixa algumas questões dos problemas que podem acarretar o mundial de 2030 nos países platenses para cumprir com as exigências das instituições supraestatais que detém a organização destes eventos, como a FIFA e quais podem ser os efeitos sociais antes, durante e após a

celebração do evento. Quais serão os “legados” que a Copa de 2030 deixará? Qual é o papel das classes mais baixas durante esta? Por fim, haverá alguma maneira de enfrentar este fascismo societal advindo do neoliberalismo econômico na era do Capitalismo Moderno/Tardio e fazer com que o futebol volte a ser do povo e não mais apenas uma mercadoria?

Seguindo por um olhar mais institucional, Liber Benítez nos apresenta a perspectiva da *Organización Nacional De Fútbol Infantil*. Para tal, o autor trabalhará os conceitos de ethos e habitus, respectivamente, Foucault e Bourdieu para pensar que tipo de infância se produz através do futebol no Uruguai. A potencialidade do trabalho de Benítez está em desnaturalizar a infância e a construção do corpo a partir de uma estruturação que o esporte permitiria.

Benítez afirma que a prática com a instituição do futebol seria a primeira socialização com o mundo dos adultos. Agindo desse modo, como uma estrutura estruturante na infância. A ONFI representa uma estrutura rígida que converte o jogo/lazer em prática esportiva sendo introjetado valores, heróis e símbolos pátrios. Benítez traz como crítica essa normatização da infância visto que existe uma porcentagem grande de meninos (e uma parcela bem menor de meninas, embora esteja crescendo) que são sociabilizados através dos campeonatos regulamentados pela ONFI. É interessante notar a institucionalização da infância a partir da sociabilidade no futebol. Alguns momentos dos documentos analisados pelo autor a palavra *niño* (menino) se torna sinônimo de *jugador* (jogador) inadvertidamente.

Não poderia faltar uma análise sobre o crescente futebol feminino. Tiago Figueiredo demonstra como estão sendo articuladas as estratégias para desenvolver o futebol feminino no Uruguai. O ministério dos esportes junto ao comitê olímpico alemão criaram o o projeto *Ellas Juegan* com intuito de dar ferramentas e estruturar um cenário que permita meninas e mulheres atuarem no meio futebolístico. Figueiredo sinala que no entre os discursos de emponderamento feminino e protagonismo trazido pelo Projeto de Cooperação Internacional *Ellas Juegan* existe a construção de um mercado de pés de bola (c.f Damo, 2005) global demandado pela FIFA.

O Artigo que encerra esse compêndio é um ensaio do primeiro nome a refletir sobre o futebol no Uruguai, Rafael Bayce. Esta figura-chave para se entender o futebol em terras uruguaias nos traz um texto no qual ele destrincha a tão famosa tríplice rivalidade Argentina x Brasil x Uruguai no futebol. Tal rixa expressa no futebol tem sua origem, segundo o autor desde os períodos de independência das coroas espanhola e portuguesa. Bayce sistematiza todos os enfrentamentos futebolísticos entre os três países e nos diz quem saiu melhor. Apesar da brevidade, esse trabalho traz ao leitor algumas questões dignas de pesquisa, como as relações entre torcedores em momentos de clássicos, por exemplo, qual lado tomariam argentinos em jogos entre Uruguai e Brasil. Além disto, o trabalho feito por Bayce se

mostra rico em dados sobre a história desse confronto que ajudaram a construir uma identidade da região.

Referências bibliográficas.

ALABARCES, P. (2004). Veinte años de Ciencias Sociales y Deporte em America Latina: un balance, una agenda. BIB, n. 58.

DAMO, A. S. (2005). Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França.. Tese de Doutorado em Antropologia, UFRGS.

GASTALDO, É. (2013). O Fato Social Total Brasileiro: Uma Perspectiva Etnográfica Sobre A Recepção Pública Da Copa Do Mundo No Brasil. Horiz. antropol. vol.19 no.40 Porto Alegre July/Dec.

GUEDES, S. (2011). Os estudos antropológicos dos esportes no Brasil : perspectivas comparativas com a América Latina Antropolítica.

MARRERO; PIÑEYRÚA. (2009). *In*: Fútbol Postnacional: transformaciones sociales y culturales del «deporte global » en Europa y América Latina. Org Ramón Llopis Goig.